

SAÚDE E MORAL: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UMA DIETÉTICA AUTOCRÁTICA PARA O PENSAMENTO PRÁTICO KANTIANO

Wagner Barbosa de Barros

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: É notório que há um abismo entre inteirar-se do que a lei moral estabelece como dever e a sua plena realização. Como sabemos, a vontade humana não é uma vontade santa e, portanto, precisa se fortalecer para que chegue a ser capaz de cumprir autonomamente o que é estabelecido como bom segundo o imperativo categórico. Embora este seja um tema do kantismo ainda pouco explorado, ele está integrado ao Sistema Crítico e tem tanta importância para sua economia quanto o tem a fundamentação de princípios morais puros *a priori*. Não basta sabermos o que devemos fazer, precisamos saber como nos tornamos e nos mantemos capazes de fazer o que devemos fazer. Se para Kant, o dever implica poder, o dever impõe consigo a necessidade de buscar especificar o percurso próprio ao poder. É justamente neste ínterim que o seguimento de uma dietética autocrática que busca ajudar o homem a alcançar a destinação concernente ao seu traço distintivo torna-se indispensável. O objetivo deste artigo é, com isso, discorrer analiticamente a respeito dos principais temas e conceitos do pensamento dietético kantiano, ressaltando a sua conexão imediata com sua filosofia prática.

Palavras-chave: Autonomia, dietética, esclarecimento, medicina.

Abstract: It is notorious that there is an abyss between understanding what the moral law establishes as a duty and its full realization. As we know, the human will is not a holy will and, therefore, it needs to be strengthened in order to be able to autonomously fulfill what is established as good according to the categorical imperative. Although this is a theme of Kantianism that has not yet been explored so much, it is integrated into the Critical System and it is as important to its economy as it is the foundation of pure *a priori* moral principles. It is not enough to know what we should do, we need to know how we become and remain capable of doing what we should do. If for Kant, duty implies power, duty imposes the need to seek to specify the path towards power. It is precisely in this interim that following an autocratic dietetics that seeks to help man to reach the destiny concerning his distinctive trait becomes indispensable. The aim of this article is to analytically discuss the main themes and concepts of Kantian dietary thought, highlighting its immediate connection with his practical philosophy.

Keywords: Autonomy, dietetics, enlightenment, medicine.

1. Esclarecimento e esclarecimentos

O famoso ensaio kantiano, *Resposta à questão: o que é esclarecimento?*, de 1784, a despeito da sua distância temporal e das críticas sofridas por diversos filósofos ao longo da história¹, ainda ressoa fortemente em nossos dias. Não obstante a sua presença, o seu mote enunciado logo no início do escrito, “*sapere aude!* Ousa fazer uso de teu próprio entendimento!” (WA, AA 08: 35)², permanece como uma tarefa a ser realizada por todos nós. Kant já sabia das dificuldades do esclarecimento, tanto que, mesmo vivendo sob as Luzes de Frederico II e diversas outras conquistas civilizatórias contemporâneas a si, optou por classificar sua época não como esclarecida (*einem aufgeklärten Zeitalter*), mas “de esclarecimento” (*einem Zeitalter der Aufklärung*) (WA, AA 08: 40).

As transformações que Kant estipulou para que o abandono da menoridade fosse realizado ultrapassam a mera alteração da estrutura político-jurídica de um Estado, apesar dela necessariamente ter de caminhar ao lado das modificações impostas no horizonte emancipatório. Tampouco o filósofo associa o esclarecimento à mera erudição, assentada no acúmulo abstrato de conhecimento, como, por exemplo, M. Mendelssohn supôs ao responder à mesma pergunta ao *Mensário Berlimense* apenas alguns meses antes³. Para Kant, a maioridade racional é conquistada tão-somente com a mudança do modo de pensar de um povo, quando este, nas diversas questões da vida, deixa de se sujeitar passivamente aos comandos de um guia e decide, por si próprio, a pôr-se a raciocinar de forma autônoma.

O rompimento com os grilhões da menoridade precisa ser realizado necessariamente na interioridade dos homens, porque é ali que a causa desta dominação estranha ao entendimento se assenta e alastra as suas raízes. De acordo com Kant, um povo se deixa tutelar por “inércia e covardia” (WA, AA 08: 35); quer dizer, os homens preferem transferir a um outro a responsabilidade de suas decisões, porque deste modo se livram do peso que esta incumbência racional lhes imporia caso tivessem que, eles mesmos, julgarem sempre por si próprios. Em suma, malgrado a infâmia da menoridade, que não é sentida pelo gado embrutecido submetido aos senhores, ela chega a ser cômoda aos tutelados. Estes, enturvados em seu engodo, afirmam: “posso um livro que faz as vezes de meu entendimento;

¹ Cf. p. ex. Adorno e Horkheimer (2006, p. 74).

² As referências seguem o padrão estabelecido pela *Akademie-Ausgabe*.

³ Mendelssohn (2011, p. 16) afirma: “O esclarecimento, ao contrário, parece se relacionar mais com a dimensão teórica, com o conhecimento racional (objetivamente) e com a habilidade para a reflexão racional sobre as coisas da vida humana (subjetivamente), de acordo com sua importância e influência para os propósitos humanos”.

um guru espiritual, que faz às vezes de minha consciência; um médico, que decide por mim a dieta etc.; assim não preciso eu mesmo dispender nenhum esforço” (WA, AA 08: 35).

Para que este ciclo de opressão comece a ser rompido, o pensador alemão faz uma defesa do *uso público da razão*, ou seja, do direito à crítica pelos eruditos às possíveis inconsistências de um conjunto de credos, costumes, preceitos e leis de uma sociedade (cf. WA, AA 08: 36-37). Com o auxílio deste uso, um sábio (*Gelehrter*) comunica abertamente, por meio de um escrito, o seu cuidadoso exame a respeito de um determinado tema, a fim de que a sua discordância possa ser julgada por outros doutos, numa espécie de arena de reflexões. Neste sentido, a esperança é a de que este debate, preenche de ideias, possa jogar luz sobre a condução da governança de um Estado. Por um lado, para que ela, atenta às discussões deste fórum, busque se reformar na intenção de poder se coadunar ao progresso racional advindo do uso público da razão, por outro lado, para que, desta reforma, o próprio uso público da razão seja assegurado e fomentado pelo Estado.

Em um uso distinto, o *privado*⁴, a razão não goza da mesma potencialidade esclarecedora presente no uso público (cf. WA, AA 08: 37). Kant exemplifica que um funcionário, submetido às normas próprias a sua função, precisa, antes de tudo, obedecê-las passivamente. Não cabe a ele pôr-se a criticá-las *durante* o exercício de suas atividades. A um sacerdote que discorda de um dado credo da Igreja, compete a ele, *enquanto seu funcionário*, apenas proferir o sermão no momento da celebração religiosa em concordância com este credo. Contudo, *enquanto erudito* deve poder usar de sua razão para questionar publicamente os princípios que dão sustentação a este aspecto controverso da doutrina, sem sofrer nenhuma espécie de retaliação. O mesmo se passa com o oficial que discorda de um comando de seu superior e com um cidadão que desconsente da cobrança de um imposto pelo Estado: em um registro estão submetidos a preceitos externos, próprios aos interesses do fim público do Estado, e noutro, sem contradição alguma, sujeitos às regras da própria razão.

Totalmente avesso a qualquer tipo de insurreição, que flerta com a reposição sorrateira dos antigos preconceitos falsamente derrotados, para Kant, a verdadeira mudança do modo de pensar de um povo tem de ocorrer sob a força e a segurança da lei. Isso não significa que os governantes serão os responsáveis pelo esclarecimento dos cidadãos, já que ninguém pode e,

⁴ Deligiorgi (2005, p. 63) chama a atenção para o seguinte ponto: “É mais apropriado (...) pensar em ‘privado’ enquanto uma limitação imposta ao falante, o que equivale a uma *privação* (*privus* tem tanto o significado de ‘peculiar a si mesmo, privativo, individual’ quanto o de ‘privado de, destituído’)”.

ademais, nem deve tentar ser o agente da emancipação alheia. Torres Filho (1983, p. 108) bem nos adverte que “a Ilustração é a passagem da heteronomia à autonomia, obtida através da própria autonomia”. Assim, para o filósofo alemão, a ordem político-jurídica precisa assegurar aos sábios o espaço de interlocução crítica das ideias na sua justa concorrência e na sua devida maturação, dado que, por meio do debate público, nenhuma máxima prejudicial ao esclarecimento e à ordem que o avaliza logra se camuflar, e, caso assim se pretenda, devido à transparência sob a qual se esconde, é rapidamente desvelada.

Ora, à vista disso, um governo que proscree o uso público da razão, rouba de seus cidadãos o direito de se esclarecerem, porque, ao limitar o espaço da publicidade, confina-os na clausura do exílio racional. O elogio de Kant a Frederico, o Grande, justifica-se exatamente porque foi o governante que deixou seu povo pensar, crer e editar livremente, desde que o obedecesse (cf. WA, AA 08: 40). Podemos afirmar que o rei ilustrado circunscreveu o espaço e indicou os recursos para que o desenvolvimento, o aprimoramento e o exercício do uso público da razão de seus súditos pudessem acontecer, de modo que, especificamente em vista disso, também assegurou com seu exército que as Luzes acendessem em sua cadência natural, em outras palavras, lentamente e longe de todos os perigos que uma rebelião poderia causar à marcha das coisas humanas. Acrescentemos a isto que sob o absolutismo ilustrado do rei, sob as Luzes Fredericanas, que se estenderam de 1740 a 1786, Kant publicou, não apenas algumas de suas obras mais célebres, como também escreveu diversos ensaios direcionados ao grande público letrado, visando fomentar e cooperar com a construção do debate intelectual da época, dentre eles, o próprio escrito “*Resposta à questão: que é esclarecimento?*”.

Por certo, é notório que a menoridade religiosa ofusca sobremaneira as outras formas de submissão racional exemplificadas por Kant em seu ensaio. O próprio filósofo reconhece o destaque dado a esta temática em detrimento das outras (cf. WA, AA 08: 41). Isto ocorre seguramente por dois motivos. O primeiro deles é o pano de fundo que incita a escrita do artigo. O ensaio redigido pelo filósofo de Königsberg juntou-se à época a diversas outras respostas à questão que dá título ao seu escrito. Kant e outros eruditos, como Hamann, Wieland, Herder, Lessing e Erhard, escreveram a respeito do Esclarecimento incitados pela réplica redigida pelo pastor Johann Friedrich Zöllner no jornal *Mensário Berlimense* ao artigo publicado por Johann Erich Biester, sob o pseudônimo E. v. K, ambos em 1784. O religioso, contrariamente a Biester, defendia que o matrimônio deveria continuar a ser sancionado pela religião; ademais, também alertava sobre os perigos do mal

uso da *Aufklärung*, que poderia gerar confusão no espírito dos homens, subversão e, até mesmo, anarquia, contrariando o próprio mote das Luzes. Vigilante aos rumos dos debates da Ilustração, Zöllner estipulou que, dada a importância da tópica e a ausência de definição a respeito de seu próprio designativo, antes de qualquer coisa, antes de se pretender esclarecer, seria preciso responder à pergunta “o que é esclarecimento?”, questão tão importante quanto “que é a verdade?”.

Já o segundo motivo corresponde ao fato de que a menoridade religiosa é, notadamente, a mais ingrata de todas (cf. WA, AA 08: 41). Se conectamos o que é afirmado no periódico da *Sociedade das Quartas-Feiras* com o que Kant expõe em sua obra *A religião nos limites da simples razão*, de 1793, podemos compreender melhor o tamanho da penúria imposta sobre aquele que recorre a um eclesiástico como sua própria consciência. De acordo com o filósofo alemão, a religião histórica deve servir como um veículo à religião moral, de forma que sob o invólucro dos símbolos e alegorias do Cristianismo encontramos um conjunto de crenças racionais que se iguala aos preceitos puros da virtude já expostos em suas obras morais. Segundo Kant, “a religião é (considerada subjetivamente) o conhecimento de todos os nossos deveres como mandamentos divinos” (RGV, AA 06: 153). Há uma equivalência, nesse sentido, entre agir moralmente bem e seguir às leis divinas. O pensador, inclusive, sustenta que devemos tencionar a criação de um reino de Deus na Terra por meio de nossas ações, o que seria nada mais do que uma comunidade ética, onde todos obedeceriam ao imperativo moral. Em conformidade com o programa Iluminista, Kant compreende que deve ser imposta sobre a religião histórica a expectativa de que, tomando a razão como guia, seja realizada uma reforma institucional gradativa, que possibilite o abandono do servilismo, do fetichismo e das mortificações da carne, ao ser recomendado aos fiéis que, em suas ações, eles observem, mormente, a própria consciência, tomando-a como único guia. Em suma, é preciso *ousar saber* nas questões de religião, porquanto são propriamente questões de moral.

Sem embargo, não obstante esta ênfase, é-nos possível asseverar que o projeto da *Aufklärung* é um empreendimento racional para a história da humanidade e, portanto, compreende a sua emancipação integral. Conforme Allison (2012, p. 233) enfatiza, entendido negativamente, isto é, como a libertação de um domínio estranho ao uso que cabe à razão por direito, o esclarecimento é virtualmente identificado como *críticismo*. Allison, aliás, conflui o mote do esclarecimento com o projeto kantiano em sua totalidade. Na hipótese de endossarmos esta interpretação, e este parece ser o caso, podemos aventar, por consequência, que a afirmação encontrada em uma nota do

prefácio da *Crítica da razão pura*, que, em certo sentido, sumariza o vasto projeto kantiano, a saber, que a “nossa época é a verdadeira época da crítica a que tudo tem de submeter-se” (KrV, A: XI), responde igual e propriamente à questão e às incumbências do ensaio das Luzes de 1784.

Assim, sob um ponto de vista, o esclarecimento ultrapassa a intenção de ser apenas um movimento cultural-filosófico localizado temporalmente ou restrito apenas a algum segmento da vida humana. A Ilustração está conectada diretamente com o modo que o homem constitui-se na sua história, de tal maneira que o projeto do esclarecimento coincide com o (auto-)projeto humano. Por consequência, atrever-se a romper com a menoridade equivale a ousar contribuir com o progresso humano em direção ao seu fim natural. Sob outro ponto de vista, entretanto, não podemos deixar de salientar os casos de menoridade a serem vencidos, nada fortuitamente elencados por Kant em seu ensaio: o *livro*, o *guru espiritual* e o *médico* que, custeados pelo menor, julgam em seu lugar.

Foucault, por exemplo, na obra *O governo de si e dos outros*, no trecho referente à aula de 5 de janeiro de 1983, interpreta que estes três exemplos reportam-se diretamente às questões que conduzem as investigações das três grandes *Críticas* kantianas:

Ora, creio que não é superinterpretar muito esse texto ver que, [sob] esses três exemplos em aparência extraordinariamente corriqueiros e familiares (o livro, o diretor de consciência, o médico), nós encontramos, é claro, as três *Críticas*. Por um lado, é de fato a questão do *Verstand* que é colocada; no segundo exemplo, o do *Seelsorger*, é o problema da consciência moral; e com o problema do médico vocês têm pelo menos um dos núcleos que vão constituir mais tarde o domínio próprio da *Crítica da faculdade do juízo* (FOUCAULT, 2010, p. 30).

Embora o filósofo francês proponha esta leitura, na sequência de sua aula, ao explorar as razões que dão sustentação a esta interpretação, ocupa-se com mais afincio apenas com a análise dos dois primeiros exemplos, admitindo que o exercício da atividade crítica e o abandono da menoridade são duas ações que mantêm parentesco direto, “cuja vinculação aparece através desses três exemplos, ou em todo caso dos dois primeiros desses três exemplos” (FOUCAULT, 2010, p. 31). A hesitação de Foucault em relação ao terceiro exemplo de subordinação, mesmo a tendo elencado inicialmente, é deveras sintomática, não apenas porque revela um possível lapso na sua análise, mas também porque atesta uma lacuna conceitual dentro do terreno do próprio kantismo. Em outros termos, Foucault não se equivoca sozinho, pois, ao fazê-

lo junta-se a uma tradição anterior e posterior a si que não teve sua atenção despertada para este caso de menoridade que de episódica, como praticamente tudo em Kant, nada tem.

Esta negligência compete menos a Kant do que aos seus intérpretes, devido ao fato de que o filósofo alemão debruçou-se criticamente sobre a temática do esclarecimento salutar em vários de seus textos e, ademais, moldou sua própria vida à luz de preceitos amplamente discutidos em seus livros. Quando Kant, então, fornece o exemplo do indivíduo que recorre ao médico para que o clínico decida por ele a sua dieta, não ilustra ingenuamente o problema da menoridade. De modo diverso, é-nos possível asseverar que o filósofo reporta-se a um tema que é caro para si e para a sua filosofia, de sorte que, uma dietética autocrática é propriamente uma das condições da moralização humana. Consequentemente, uma análise diligente acerca da menoridade higiênica contribui e muito não apenas para aclarar a originalidade própria ao argumento das Luzes médico-filosóficas, popular no século XVIII, mas também concorre para a circunscrição do conceito de esclarecimento kantiano em sua integralidade e dinamicidade.

2. Kant e a medicina de si

Como Model (1990), Zambon (2001), Bochicchio (2003), Wiesing (2005) e Chamayou (2007) destacam em seus estudos, apesar de pouco explorada pela literatura e algumas vezes até mesmo omitida, a temática médica sempre esteve no horizonte filosófico de Kant. Dos textos pré-críticos até aqueles publicados postumamente, encontramos ensaios, cartas, notas, metáforas ou ainda trechos de obras que abordam o bem-estar humano. É um fato que sua psicologia racional, por integrar as discussões de sua grande obra crítica, vem sendo intensamente estudada e discutida pela tradição filosófica desde a época de sua publicação. Diferentemente, seus textos que abordam a promoção da higiene através de diversos exercícios salutareos e o modo como estas práticas cooperam com o desenvolvimento e com o fortalecimento das disposições humanas, inclusive, a disposição moral, foram legados pelos especialistas ao registro anedótico, sob a justificativa de que, quando comparados à força conceitual do sistema apriorístico kantiano, não passam de futilidades biográficas.

Schleiermacher afirma, por exemplo, que a obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático* é meramente uma coleção de trivialidades (SCHLEIERMACHER, 2021, p. 115). Krüger, em consonância com a

interpretação de K. Vorländer, do mesmo modo, avalia a obra negativamente. Para o estudioso, trata-se apenas de reflexões do *homem Kant* que, apesar de adornadas de erudição e espiritualidade, revelam-se anedóticas e ingênuas, bem distantes do cuidado conceitual das *Críticas* (KRÜGER, 1961, p. 58). Cassirer compreende que a discussão sobre o cumprimento concreto da ideia de liberdade, presente em vários escritos de um Kant já idoso:

(...) é apenas um adendo literário que nada acrescenta ao próprio conteúdo do sistema filosófico. O último parágrafo do *Conflito das faculdades*, que trata do conflito das faculdades de Filosofia e Medicina, já é acrescentado externamente. Na verdade, trata-se, nesse estudo *Sobre o poder da mente de tornar-se senhora de seus sentimentos doentios através do mero intuito*, somente de uma miríade de regras alimentares que Kant havia testado em si mesmo na experiência pessoal e na auto-observação metodológica (CASSIRER, 2021, p. 373).

Para o comentador, “mesmo a *Antropologia*, de 1798, em termos de conteúdo e construção, não pode, de forma alguma, estar ao lado das obras principais e sistemáticas propriamente ditas” (CASSIRER, 2021, p. 373). Em síntese, a avaliação de Cassirer é a de que, embora importantes, estas observações não lograram chegar à maturidade conceitual.

Em nossa interpretação, tomamos um caminho consideravelmente diverso destes últimos intérpretes citados, aproximando-nos dos estudiosos elencados no início deste tópico, posto que entendemos que a temática salutar constitui devidamente o Sistema Crítico. Assumimos este posicionamento interpretativo levando em consideração dois elementos fundamentais: biográfico e filosófico. É importante lembrar que ambos, ao fim, são indissociáveis e apresentam-se interconectados dentro do desenvolvimento do pensamento kantiano.

2.1 Elementos biográficos

É um fato conhecido que Kant manteve-se direta e indiretamente em contato com ilustres médicos de sua época. Sem que pretendamos esgotar todas as ocorrências, podemos citar como exemplo a troca epistolar do pensador prussiano com Marcus Herz (1747-1803), Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), Christoph Wilhelm Hufeland (1760-1817) e Samuel Thomas von Sömmerring (1755-1830), a revisão ao trabalho sobre quadrupedismo/bipedismo, de Pietro Moscati (1739-1824), a discordância com Ernst Platner (1744-1818) quanto aos fundamentos da disciplina

antropológica, e seu interesse pelo princípio da irritabilidade, proposto por John Brown (1735-1788).

Uma boa amostra do saldo do intercâmbio intelectual mantido por Kant com estes médicos durante anos é uma nota publicada em 18 de abril de 1782, no jornal *Königsbergische Gelehrte und Politische Zeitungen*, no que diz respeito a uma epidemia de gripe que vinha assolando a Europa naquele ano. O objetivo de Kant era o de chamar a atenção dos médicos que se ocupavam com o controle do surto de influenza para que levassem em consideração os seus apontamentos na qualidade de geógrafo físico. De acordo com Kant, deveria ser dada providência ao curso que a gripe seguia em seu contágio, porque parecia não “espalhar-se devido à qualidade do ar, mas por simples contágio” (Nachricht an Ärzte, AA 08: 06). O filósofo relembra em sua nota que, desde que os europeus estabeleceram contato com diversas regiões do mundo por meio das caravelas e caravanas, novas enfermidades foram trazidas junto dos bens comercializados. Por fim, Kant afirma que havia evidências de que a gripe tinha surgido em São Petersburgo, que a enfermidade vinha se espalhando em direção ao oeste europeu e, por fim, que todos esses fatores se assemelhavam muito a outro surto acontecido em 1775.

Outro ponto importante é o cuidado que Kant dispensou à sua própria saúde. Segundo seus biógrafos, Kant dispunha de uma estrutura corpórea notavelmente frágil. Borowski relata que o filósofo tinha uma estatura mediana, por volta de um metro e meio, era extremamente magro, tinha o ombro direito acima do esquerdo e falava sempre com um baixo tom de voz (cf. BOROWSKI, 1993, p. 70). Em uma carta a M. Herz, de abril de 1778, Kant afirma que nunca havia estado verdadeiramente doente e, tampouco, saudável de fato (cf. Br, AA 10: 231). Este quadro salutar matizado é ilustrado pelas próprias palavras do filósofo alemão em um outro texto. Num relato pessoal, encontrado na obra *O conflito das faculdades* (1793), Kant conta que havia nascido com um peito fundo e estreito, o que o deixou com pouco espaço para o funcionamento regular de seus pulmões e de seu coração. Esta condição, na sua interpretação, levou-o a desenvolver “hipocondria, a qual em anos mais jovens, beirou o tédio de viver” (*Überdruß des Lebens*) (SF, AA 07: 104)⁵. Malgrado todas estas dificuldades, ressaltamos que Kant viveu até os 80 anos, permanecendo física e filosoficamente ativo praticamente até o final de sua vida.

Em seu relato pessoal, Kant menciona que, a despeito do desconforto em seu peito ter permanecido, a reflexão a respeito desta sua

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre o estado de saúde de Kant, especialmente em sua velhice, cf. FELLIN, R.; BLÈ, A. *The disease of Immanuel Kant*, 1997.

condição, que não poderia ser alterada, provia-lhe a calma e a jovialidade necessárias para se haver convenientemente com este problema. Na letra do filósofo, lemos: “A opressão permaneceu em mim (...). Mas, com relação a sua influência em meus pensamentos e ações, consegui tornar-me mestre através do desvio de minha atenção destes sentimentos, como se eles nem me acometessem” (SF, AA 07: 104). O procedimento adotado por Kant sugere o assenhramento da mente melancólica pelo próprio sujeito, com o intuito de que a inquietação experimentada possa ser convertida em uma agonia que, apesar de ainda patente, seja uma agonia suportável. Para o filósofo alemão, uma mente fortificada, que conduz a vida em sua integralidade por meio do equilibrado seguimento de preceitos salutares e que, portanto, regra-se autonomamente a si própria, encontra-se muito mais preparada para lidar com o adoecimento do que uma mente presa nos grilhões da menoridade salutar. Por certo, o compromisso irreduzível com a sua famosa caminhada, todos os dias, exatamente às três e meia da tarde, é um bom exemplo de sua diligência em prol da manutenção de sua saúde (cf. BOROWSKI, 1993, p. 65 et seqs.).

Em alusão a tudo isso, é pertinente ainda recontar que, frente à polêmica a respeito dos motivos que levaram M. Mendelssohn a uma morte precoce, apenas aos 56 anos, Kant se afastava da posição que acreditava que o seu adoecimento teria ocorrido por ocasião da disputa intelectual a qual foi introduzido por J. K. Lavater e F. H. Jacobi, a conhecida *Pantheismusstreit*⁶. Para

⁶ De acordo com Kuehn (2001, p. 305), “em julho de 1780, Lessing admitira a Jacobi – ao menos, segundo Jacobi (e apenas após a morte de Lessing, em fevereiro de 1781) – que ele era um spinozista. Uma tal admissão teria sido arriscada, dado que Spinoza era tido como um ‘ateísta satânico’, e a sua teoria panteísta era considerada como uma ‘hipótese monstruosa”. Ainda segundo o estudioso e biógrafo de Kant, dá-se início a uma troca epistolar entre Jacobi e Mendelssohn. O primeiro distinguia a si mesmo como aquele que havia verdadeiramente entendido a filosofia de Lessing; já o segundo, incrédulo, esforçava-se para salvar o nome do amigo íntimo das acusações de ateísmo. A troca de cartas permaneceu privada até 1785, quando Jacobi soube que Mendelssohn estava considerando publicar um livro chamado *Horas matinais*, através do qual discutiria os problemas do panteísmo e responderia às suas reivindicações; antecipando-se a Mendelssohn, enfurecido e com medo deste revelar as controvérsias presentes nas correspondências, Jacobi publica um mês antes a obra *Cartas a Moses Mendelssohn sobre a doutrina de Espinosa*. Em uma epístola enviada a Kant, em 16 de outubro de 1785, Mendelssohn escreve: “Em suma, esta obra do senhor Jacobi é uma mistura incomum, um nascimento quase monstruoso, com a cabeça de Goethe, o corpo de Spinoza e os pés de Lavater. Acho incrível que hoje em dia as pessoas pensem que qualquer um tem o direito de publicar uma troca privada de cartas sem o consentimento dos correspondentes. Ainda mais: supõe-se que Lessing lhe confidenciou, nomeadamente a Jacobi, que nunca revelou os seus verdadeiros princípios filosóficos a mim, o seu amigo filosófico de maior confiança durante 30 anos. Se isso fosse verdade, como Jacobi poderia revelar o segredo do seu falecido amigo, revelá-lo não só para mim, mas para o mundo inteiro? Ele se protege e deixa o amigo nu e indefeso em campo aberto, para ser objeto de ataque e zombaria de seus inimigos. Não posso tolerar tal comportamento e pergunto-me o que pensam dele os homens com sentido de justiça. Temo que a filosofia tenha os seus fanáticos que estão tão inclinados a perseguir

o filósofo crítico, numa outra direção, a responsabilidade do falecimento prematuro do iluminista judeu recaía inteiramente sobre o comprometimento que ele manteve com uma disciplina severa do corpo, que o submetia a filosofar por horas a fio sobre um mesmo tema com o estômago vazio, costume este que o levou ao seu esgotamento (cf. *De Medicina Corporis*, AA 15: 941-942). Kant, a propósito, em uma carta redigida em 1781 a M. Herz, chegou a pedir que o médico transmitisse a M. Mendelssohn alguns conselhos salutareos que vinha colocando em prática em seu dia a dia e testemunhando bons resultados.

Por favor, dê-lhe, além dos meus mais elevados cumprimentos, uma observação dietética que fiz sobre mim mesmo, que, devido à semelhança em nossos estudos e à nossa saúde debilitada, que em parte resultou disso, possa servir para devolver este excelente homem ao mundo erudito, este homem que por tanto tempo se retirou dele, achando que a atenção a este mundo era incompatível com sua saúde (Br, AA 10: 270).

As recomendações presentes na epístola alertavam para os riscos do estudo de obras filosóficas à tarde e, especialmente, à noite. Nestes horários um erudito deveria se ocupar de leituras leves e com intervalos bem espaçados. O estudo laborioso, o confronto com reflexões áridas e custosas, deveria ser reservado às manhãs, logo após uma benfazeja noite de sono. As reflexões de Kant apontam, portanto, para um caminho interposto entre o ingênuo e nocivo seguimento de regras higiênicas ocas e enfadonhas, que enfraquecem as forças vitais – que seria justamente o caso de M. Mendelssohn –, e a ausência total de qualquer direcionamento da mente e do corpo pelo indivíduo, já que ambas as posições seriam exemplos de uma menoridade salutar, isto é, de um sujeito que não promove o temperante cuidado de si através de sua própria razão. Inclusive, numa nova carta, escrita diretamente a M. Mendelssohn, em agosto de 1783, Kant insiste na necessidade do pensador judeu aplicar-se de forma mais sensata à sua saúde, observando-a a partir de um princípio que havia descoberto e adotado em sua dietética: “cada ser humano tem a sua maneira particular de preservar a sua saúde, que não pode ser alterada sem correr riscos” (Br, AA 10: 344). M. Mendelssohn deveria, assim, atentar-se, ele próprio, ao modo como as regras salutareas que vinha seguindo se adequavam oportunamente naquele momento à especificidade da sua compleição corporal,

e a fazer proselitismo como os fanáticos da religião positiva” (Br, AA 10: 414). Angustiado e adoecido, Mendelssohn morre em 4 de janeiro de 1786.

seu estilo de vida, sua idade, sua alimentação, seus afazeres etc., para que pudesse avaliá-las à luz da promoção de suas forças vitais.

Chamayou destaca que havia à época uma genuína preocupação no que se referia à saúde dos homens letrados, porquanto a atividade da reflexão impunha uma “existência sedentária, uma vida reclusa num gabinete, sem ar, sem luz e sem exercícios físicos”, de tal maneira que, “a filosofia como forma de viver é antes de tudo uma forma de adoecer” (CHAMAYOU, 2007, p. 27). Ora, há uma contradição flagrante em tudo isso: o empenho canalizado na promoção de uma vida esclarecida através das luzes da razão acabaria, ao fim e ao cabo, por adoecê-la e, conseqüentemente, por impedir a continuidade do próprio projeto emancipatório da humanidade. Entenda-se: os doutos ilustrados, que apregoavam o uso da razão como bússola nas coisas humanas, não eram capazes de fazê-lo no que concernia ao cuidado de sua própria saúde. Eles aspiravam pelo progresso humano e ao intentar promovê-lo, negligenciavam o recurso mais indispensável para alcançá-lo: o corpo e a mente humana.

Logo, a partir da própria história de Kant, podemos, presumivelmente, ratificar o diagnóstico de que o filósofo atribuiu a si próprio e incluí-lo nesta miríade de pensadores adoecidos, visto que a profícua interlocução que manteve com os célebres médicos de sua época, os textos e as cartas que escreveu sobre a temática salutífera, e o significativo cuidado que procurou ter durante toda sua vida com seu corpo e sua mente testemunham a favor de um quadro hipocondríaco. Em contrapartida, mais importante do que a infalibilidade deste diagnóstico é a contribuição que Kant oferece ao contexto histórico descrito acima por Chamayou. Não é o fato de Kant integrar este quadro como paciente que deve chamar a nossa atenção, antes, é o fato de tê-lo elaborado filosoficamente, e não meramente enquanto esboça de forma superficial diversos preceitos prudenciais do campo higiênico com pretensas nuances do criticismo, mas ao estabelecê-los como condição necessária à própria moralização humana. Como veremos a seguir, Kant preconiza uma *dietética autocrática* ao tomar por consideração o fato de que cada homem conhece a si próprio melhor do que ninguém, ou ao menos, isto é o que pode e, portanto, deve ser esperado de um homem – especificamente, de um homem que *ousa saber* sobre si próprio.

2.2 Elementos filosóficos

Um prolífero caminho para que possamos começar a retrair o pensamento salutar kantiano é a análise das principais ideias de um escrito

ainda pouco estudado pelos comentadores: *De medicina corporis, quae Philosophorum est* – em tradução livre, *Sobre a medicina do corpo que pertence aos filósofos*. Trata-se de um discurso proferido por Kant em 1º de outubro de 1786, por ocasião do final de seu primeiro ano como reitor da Universidade de Königsberg.

Em *De medicina corporis*, Kant almeja aclarar os limites entre as funções do médico e as do filósofo no cuidado com a saúde, com o objetivo de que nenhum ultrapasse o limiar de suas competências e acabe por prejudicar o paciente em seu tratamento. Segundo o pensador alemão, “o médico está qualificado para tratar a mente perturbada por meio de medidas aplicadas ao corpo; o filósofo, para tratar o corpo através da influência da mente” (De Medicina Corporis, AA 15: 943).

À vista disto, por exemplo, o tratamento da mente que foi destronada de seu poderio, ou seja, a mente que não se encontra mais apta à aplicação de regras que regulem o seu bom funcionamento, do que depende igualmente o bom funcionamento do corpo, caberia especificamente ao médico. Neste caso, a cura tem de ser buscada por intermédio do cuidado com o corpo, já que não há motivos para se esperar que uma mente adoecida se reorienta em direção a um estado sadio com suas próprias forças. Quando a imaginação se rebela e vagueia sem nenhuma supervisão, explorando cenários irreais, a mente já não é mais capaz de controlar a si própria. A recomendação, portanto, conforme Kant explicita, é que o paciente seja sangrado ou ainda que se use grandes doses de helleboro (cf. De Medicina Corporis, AA 15: 943).

Em contrapartida, a incumbência do filósofo deve ser a de promover a disciplina do corpo por meio de um regime mental. Cabe a ele, com efeito, cuidar para que a mente se fortaleça e estabeleça, por consequência, uma direção salutar ao corpo e a si própria. O filósofo contribui com a promoção da saúde ao propor uma espécie de *dietética autocrática* que seja favorável ao equilibrado florescimento dos germens humanos. Esse regime filosófico é tanto *negativo*, ao circunscrever o que deve ser evitado, quanto *positivo*, pois preceitua também um conjunto de hábitos salutares a serem empregados no dia a dia.

Chamayou alerta que nesta proposta kantiana não estamos diante de uma simples relação binária “corpo e mente”, nem mesmo frente a um diagrama que estabelece meramente os pontos de intervenção de um tratamento, “a categoria essencial passa a ser a do uso (uso do corpo/uso da mente)” (CHAMAYOU, 2007, p. 31). Por conseguinte, o médico usa o *corpo* para cuidar do corpo e da mente, e o filósofo usa a *mente* para cuidar da mente e do corpo. A promoção da saúde humana, desse modo, torna-se bem mais

complexa do que possa parecer em um primeiro momento. É exigida uma compreensão mais elaborada no tocante ao adoecimento e à promoção da saúde, já que não há uma mente sem um corpo e um corpo sem uma mente, há, na verdade, um comércio entre eles. A relação íntima que eles mantêm é expressa, inclusive, no equilíbrio ou desequilíbrio das forças vitais. O corpo e a mente podem adoecer e curar o corpo e a mente, de forma dinâmica nas suas quatro possibilidades combinatórias. Neste sentido, embora a enfermidade tenha seu início em um destes dois pólos, ela acaba por afetá-los globalmente. Uma boa anamnese, então, é aquela que oferece os recursos capazes de esclarecer os diversos encadeamentos higiênicos subjacentes ao padecimento, posto que, ao fazê-lo, ela circunscreve não somente o percurso trilhado pela patologia até o presente momento, como igualmente já prenuncia o caminho reverso a ser percorrido na promoção do reequilíbrio das forças vitais com o auxílio de um dos dois profissionais: em alguns casos, recorrendo-se aos fármacos aplicados ao corpo, prescritos pelo médico; em outros, à terapêutica do filósofo, que recai sobre a mente.

Um ponto imprescindível a ser destacado é que a atribuição do filósofo vai além do mero aconselhamento salutar. Os preceitos que engendram a higidez da mente e do corpo por intermédio da mente não são como dogmas e muito menos compõem uma doutrina rígida a ser seguida por fiéis adeptos a uma verdade médica irrefutável. Como o ensaio do *Esclarecimento* clama: é urgente vencer a preguiça e a covardia que transfere a um tutor a tarefa de formular uma dietética no lugar do menor. Com isso, fundamentalmente, o papel do filósofo é o de promover a *autonomia salutar*. O tratamento do filósofo tem como horizonte não apenas a cura de uma doença por meio da mente, mas antes, a cura da própria menoridade. Desse modo, o filósofo não deve se tornar o guia de ninguém, no sentido de ser o responsável por dizer o que cada um tem de fazer em seu regime. Há, sim, a preceituação de diversos conselhos, como veremos com mais profundidade a seguir, todavia, para além dessas orientações prudenciais, é indispensável que a dietética prescrita enseje a ocasião para que cada um se torne *médico de si próprio*.

Concernente a isso, aliás, Kant alerta para o fato de que há uma diferença entre a *medicina* e a *veterinária* (cf. De Medicina Corporis, AA 15: 943). O tratamento do animal é sempre mecânico. O restabelecimento do equilíbrio salutar, anteriormente gerido pelo instinto, é promovido exclusivamente pelo veterinário e, a rigor, o animal participa passivamente do tratamento, visto que ele não compreende a sua doença, apenas a sente. De modo totalmente diverso, a mente humana é capaz de potencializar tanto a sua saúde quanto o seu adoecimento. Isso fica claro se pondera-se o controle que uma mente

fortalecida estabelece sobre o corpo, para que ele cumpra uma rotina capaz de robustecê-lo, mas principalmente, caso se tome em consideração as doenças da mente, como aquela enfrentada por Kant e descrita no tópico anterior. Os sintomas da hipocondria podem ser amplificados na condição da mente não estar preparada para se haver com os desvarios próprios à patologia. Noutro registro, uma mente confortada é apta a pressentir o acesso, manter-se crítica aos exageros elaborados pelos cenários irreais e resgatar-se desta inquietação com suas próprias forças – lembremo-nos: foi exatamente deste modo que o filósofo alemão enfrentou a sua hipocondria. Como Kant sumariza em sua obra pedagógica: “a falta de esperança nas doenças é tão prejudicial quanto a coragem é benéfica ao restabelecimento da saúde” (Päd, AA 09: 478).

O menor salutar é aquele que não sabe como avaliar e conservar a sua vitalidade, muito menos como potencializá-la, logo, vive à mercê das enfermidades, sob o domínio dos vícios e dos excessos, e, conseqüentemente, sob a tutela de um médico. Kant, por sinal, alerta: “muitas vezes, no fruir da vida, os homens são tratados pelos médicos como crianças” (SF, AA 07: 105). Quando, então, o menor encontra-se doente, ele não apenas acresce sua prévia fragilidade à sua presente patologia, como também tem seu quadro salutar prejudicado por sua ignorância. Sua inércia e covardia intensificam o seu sofrimento, porque ele não compreende a especificidade de sua doença e como ela o afeta singularmente. Mais ainda, a sua menoridade prejudica inclusive o seu tratamento, dado que, sob as orientações enigmáticas de um clínico que se beneficia desta dependência, com grandes chances, o processo curativo será feito de modo impreciso, alimentando viciosamente, assim, o círculo de adoecimento e de subjugação. Sumariamente, o menor prefere pagar para que alguém torne-o saudável, conquanto o paradoxo subjacente a isso.

Podemos afirmar, portanto, que, em virtude dos fins naturais a serem buscados pelo homem, dentre eles, o fim moral, impõe-se, manifestamente, enquanto dever, o cuidado esclarecido com a sua higidez. A saúde moral vindica como uma de suas condições a saúde do corpo e da mente. Ao negligenciar o seu bem-estar, o homem prejudica o equilíbrio de suas forças vitais e, adoecido, encontra-se incapacitado de moralizar-se. Não é que Kant compreenda que escolhemos adoecer, antes, o filósofo compreende que escolhemos os hábitos que podem nos levar ao adoecimento, e, portanto, somos moralmente responsabilizáveis pela nossa saúde, de forma que, a bem da verdade, subjacente a sua promoção, não há apenas um conjunto de conselhos prudenciais, mas também um *dever ser* próprio à filosofia prática. É justamente em vista disso que Kant se sente autorizado a não somente clamar por um esclarecimento salutar, ao colocá-lo equiparado à urgência do

esclarecimento intelectual e religioso em seu ensaio de 1784, como também a compartilhar, em diversas obras, algumas estratégias benéficas ao corpo e à mente. Ora, semelhantemente à moral que, por não ser inata, precisa ser um feito humano, a saúde também deve ser mantida em seu equilíbrio bem como ser fortalecida por intermédio da própria resiliência dos homens, porque, fundamentalmente, estamos falando de um e mesmo processo: o esforço contínuo do homem para se constituir enquanto ser humano, o que equiparase à busca do desenvolvimento de *todas* as suas disposições em vista de uma finalidade natural, o que se torna impossível com suas forças vitais em desequilíbrio.

3. Por uma dietética autocrática

Que é, então, em seus pormenores, uma dietética autocrática? Diferentemente do que se possa presumir, tomando em consideração a austeridade de seu pensamento ético, Kant não prescreve que a mente deva se esforçar para aniquilar tudo o que é próprio ao corpo em prol daquilo que se tornaria uma espécie de tirania da mente. Não é este o caso. A dietética proposta pelo filósofo preceitua, por exemplo, a fruição controlada dos afetos, a alegria da conversação com os amigos, a participação em jantares e, até mesmo, a frequência de noites de jogos. Na pena do filósofo lemos que “o que melhor serve ao corpo é a conversa, a discussão amigável, especialmente a alegria que se transforma em gargalhadas. Aqui a mente exerce mais vigorosamente sua força sobre o corpo” (De Medicina Corporis, AA 15: 946). A vida humana deve se preencher de contentamento, tanto para que os germes que a natureza deu aos homens floresçam, quanto para que a moralização não se torne um fardo a eles, ao ponto de, ao buscarmos este propósito, acabem por ficarem ainda mais distantes dele, em decorrência da prostração de seu vigor. Se, para Kant, “as regras do exercício da virtude (*exercitiorum virtutis*) conduzem a dois estados de ânimo, aos ânimos diligente e alegre (*animus strenuus et hilaris*)” (MS, AA 06: 484), necessariamente, a arte de viver, prescrita pelo filósofo, igualmente deve ser diligente e alegre.

O filósofo alemão estabelece que “devemos cuidar para que tenhamos uma mente sã em um corpo sã” (De Medicina Corporis, AA 15: 939). Uma mente sã não é aquela que castiga o corpo, fazendo-o definhar através da frugalidade, mas sim, aquela que, ao regê-lo por meio de uma dietética amigável, porém, zelosa, compraz o corpo salutarmente, o que, por consequência, auxilia o funcionamento das suas funções vitais. Há, portanto,

uma importante diferença entre uma *ascética ética*, que não exclui o desfrute agradável da vida, e uma *ascética monástica*, que por “medo supersticioso ou por hipócrita aversão a si mesmo chega ao autoflagelo e à mortificação da carne” (MS, AA 06: 485).

O projeto pedagógico kantiano, que versa sobre os cuidados do corpo e da mente desde a primeiríssima infância até a juventude, sempre à luz do escopo da moral e da autonomia, pode ser considerado em certo sentido uma pedagogia da jubilidade, uma vez que indica que, indispensavelmente, deve ser fomentada nos estudantes “a alegria e serenidade no bom humor em lugar da triste devoção, temerosa e tenebrosa” (Päd, AA 09: 493; cf. também Päd, AA 09: 499). Não obstante, o projeto pedagógico adequa-se convenientemente ao que ordena a ascética ética. Ora, neste plano está incluído o uso de brincadeiras, como a cabra-cega, o balanço e o peão, bem como o emprego de atividades lúdicas que reverberam em um aprendizado dinâmico. Por exemplo: é sugerido um passeio por uma floresta a fim de que os alunos estudem as plantas e, conjuntamente, fortaleçam o seu corpo. Essa visão esclarecida da educação se contrapunha diretamente ao projeto escolar presente à época na Prússia, que preconizava exercícios de memorização e repetição, o que era enfadonho e desestimulante aos educandos. É possível dizer que, com este currículo, as crianças cresciam enfraquecidas e permaneciam, conseqüentemente, presas à menoridade salutar e moral.

Em sua *Antropologia* Kant discorre sobre a importância da alegria na vida adulta. Assim, pois, quando um homem alimenta-se na companhia de seus amigos, e a refeição é convenientemente ordenada por regras que promovam a sociabilidade – que tanto afastam a afetação e a artificialidade, quanto impedem que o descomedimento abra espaço para o exagero de um banquete – os benefícios alcançados são maiores do que quando se come sozinho. Isolado, em glotonaria solitária, o douto, ao se alimentar sozinho, por estar monotona às voltas com seus pensamentos, consome a si mesmo e é devorado pelas suas ideias (cf. Anth, AA 08: 280). Em companhia, o sábio se recupera do esforço previamente empreendido em alguma tarefa fatigante, a conversação convida à prudência, e o riso, com o movimento que provoca no diafragma, auxilia na digestão; de forma concisa, é promovido um jogo vivificante na mente dos convidados (cf. De Medicina Corporis, AA 15: 949-950; Anth, AA 08: 280 et segs.). De acordo com Borowski, para Kant, o momento da refeição deveria ser acompanhado de conversas simples e agradáveis. O biógrafo relata que Kant fazia suas refeições com pessoas de todo nível de estamento, desde que elas não usassem este momento para lhe perguntar sobre sua Filosofia. Apesar da atenção dada a um conjunto de

regras, como o número de convidados, a variedade dos pratos, a ordem e os temas da conversação, Kant “queria à mesa, o que é justo, relaxar de tudo o que cansa o espírito (...) e honrar o corpo com isso” (BOROWSKI, 1993, p. 74).

Este cuidado consigo em prol da promoção da saúde não exclui, sem embargo, o confronto com o que é penoso e incômodo. Em outras palavras, a prescrição de uma dietética que valoriza a alegria da vida não acarreta, sem contradição alguma, na diminuição do empenho em realizar o que a natureza estabeleceu como fim ao gênero humano, por mais difícil que este fim seja de alcançar. Kant afirma, à vista disso, que a comodidade é sempre perigosa para a saúde, porque leva à frouxidão e à fraqueza. Para o filósofo, não se deve mimar o corpo (cf. SF, AA 07: 100-101; De Medicina Corporis, AA 15: 942). Neste quesito, para ilustrar esta parcela de sua dietética autocrática, Kant utiliza-se do conselho estoico sumarizado na máxima: *sustine et abstine*, ou seja, *suporta e abstém-te*, ou ainda, *suporta e acostuma-te a suportar* (Päd, AA 09: 486-487; MS, AA 06: 484-485; SF, AA 07: 100).

Assim sendo, tomando em consideração este princípio estoico, Kant aconselha que, malgrada a nossa vontade de manter a cabeça e os pés aquecidos, seria recomendável que eles fossem expostos ao frio, para não perderem a tonicidade das artérias, posto que estão em partes afastadas do coração (cf. SF, AA 07: 101). O filósofo também preconiza que não se deveria dormir por muito tempo e, muito menos, dormir em diversos momentos do dia, fragmentariamente, como após o almoço, para que fosse evitada a exaustão da energia do sistema nervoso. O homem deve se empenhar em cumprir invariavelmente os seus horários de dormir e de acordar. Segundo Kant, “o leito é o ninho de um conjunto de doenças” (SF, AA 07: 101). Por um lado temos aquele que dorme pouco ou dorme além do devido, em ambos os casos, o adoecimento é inevitável, por outro lado, temos aquele que tenta dormir, mas é inundado por seus pensamentos e permanece irrefreavelmente às voltas com eles, numa disputa que o agita e o impede de adormecer; por certo, neste caso também há o enfraquecimento das forças vitais. O pensador afirma que a proposta habitual dos médicos para este último caso, a de tentar expulsar esses pensamentos da mente, não logra êxito. O conselho de Kant tem origem em algo que ele aplicou em sua própria vida. É recomendado que nestes momentos seja escolhido um objeto qualquer e que se concentre-se enfaticamente nele, por exemplo: nas várias representações secundárias que contêm o nome Cícero. O testemunho de Kant é o de que, sempre que lançou mão desta estratégia, a sonolência apareceu rapidamente (cf. SF, AA 07: 105-107).

Ademais, o filósofo aventa que seria salutar se fosse estabelecido um hábito alimentar respeitando a especificidade de cada idade. Na juventude, seria suficiente escutar o apetite para a bebida e para a comida; na idade adulta, a recomendação é a de que a nutrição aconteça em diversos horários do dia, mas sempre respeitando-os com forte determinação e sem cair em ebriedade e gula; por fim, na velhice, seria muito mais saudável se houvesse uma grande refeição no dia, intercalada por outros momentos quando se come e se bebe pouco. Durante a senilidade as etapas da operação do intestino no processo de digestão são mais morosas, por isso, não se deve adicionar uma nova carga quando a anterior ainda não foi concluída (cf. SF, AA 07: 107-108).

Em relação à hipocondria, essa espécie de doença fictícia, que leva o homem a ficar remoendo sobre diversos males que *poderiam* recair sobre ele⁷, a sugestão de Kant – adicionalmente ao que já discutimos anteriormente – é a de que, tão logo esses pensamentos anunciem a sua presença, eles sejam colocados em suspenso. Deve-se, em seguida, perguntar a si mesmo se há realmente qualquer facticidade sobre eles, se eles se sustentam por si próprios para além da mera conjectura. Ao ser confrontada com diversas evidências que anunciam a falsidade destes pensamentos, a mente começa a se retirar de dentro deste redemoinho que a ameaçava destroná-la de seu lugar usual. A pergunta direcionada a estes pensamentos gera certo distanciamento entre a realidade e a fantasia e, com isso, cria um espaço crítico de análise acerca do que está acontecendo; conjuntamente, ao ser posta, a pergunta relembra o homem de seu poder mental, apto a questionar e apto a desfazer um embaraço imaginário. Além disso, é recomendado voltar-se para as tarefas do cotidiano, para ocupar a mente com alguma outra atividade que preencha este estado de vulnerabilidade mental com algo não-nocivo. Esta é uma tarefa difícil, é preciso, como o lema estoíco estipula, insistir nestas táticas, suportar e aprender a suportar, até que o homem consiga se tornar mestre de seus sentimentos doentios. Nestas condições, Kant alerta, de nada vale a ajuda de um médico (cf. SF, AA 07: 103-104).

Acrescentemos que o mesmo projeto pedagógico que valoriza uma educação jovial também estipula diversos preceitos que tencionam o

⁷ Em sua *Antropologia*, Kant define a hipocondria como “a causa de se imaginar males corporais dos quais o paciente é consciente de que são ficções, sem que no entanto possa de tempos em tempos abster-se de tê-las por algo real” (Anth, AA 07: 212). Ainda segundo o filósofo, o hipocondríaco é aquele que se deleita em falar de seus infortúnios; que sempre recorre aos cuidados do médico, porque espera dele um diagnóstico diferente daquele que sua insistente fantasia mórbida criou para si; por fim, o hipocondríaco é aquele que se interessa muito por livros que retratam as patologias humanas, e que, ao ler sobre elas, não somente se identifica rapidamente com todas, como, em casos mais graves, começa a padecer melancolicamente de suas disfunções.

fortalecimento da mente e o robustecimento do corpo. O corpo e a mente devem ser educados. Segundo Kant, “tudo aquilo que a educação deve fazer é impedir que as crianças cresçam muito delicadas. A fortaleza é o oposto da moleza” (Päd, AA 09: 463). É indispensável que o ambiente escolar seja regulado pelo estrito cumprimento dos horários das diversas atividades acadêmicas: de comer, de estudar e mesmo de brincar. Não deve haver, por exemplo, a dilatação do tempo simplesmente porque os estudantes desejam continuar se divertindo com um jogo. A escola deve ser o local responsável por impelir o aluno a renunciar aos seus pendores naturais egoístas, a odiar os vícios de toda espécie e a reger a sua conduta, quer dizer, a dominar a sua liberdade selvagem e a aprender a obedecer. Em um primeiro momento, durante um considerável período, a coibição desses pendores egoístas é empregada de fora para dentro, quando, por exemplo, o professor determina ao jovem que permaneça sentado e em silêncio durante a aula ou quando ele aprende a trabalhar. Todavia, é esperado que, posteriormente, num outro registro, o próprio aluno seja o autor desta contenção, que ele mesmo ordene a sua própria conduta, ao lapidar seu juízo e ao sustentar uma reta firmeza em suas decisões. O educando, sobretudo, precisa aperceber-se como sujeito legislador de si próprio, de seu corpo e de sua mente, compreender-se como sujeito que dispõe de uma força capaz de retirá-lo da menoridade em direção ao pensamento autônomo. A rigor, o projeto pedagógico kantiano não deixa de ser um programa formativo-salutar, que também promove o desenvolvimento da saúde do jovem e ensina-o a mantê-la em equilíbrio por intermédio de suas próprias forças.

Notemos que Kant não esgota todos os casos passíveis de análise. Muito menos oferece um princípio puro e *a priori* para a promoção do bem-estar. Este não era o seu intento. Ele discute alguns quadros salutares, principalmente aqueles que enfrentou em sua vida, justamente porque tem mais propriedade sobre eles, a fim de convidar o leitor a fazer o mesmo exercício de reflexão que ele fez e, assim, colher os mesmos benefícios. A dietética kantiana não deixa de ser uma exortação ao autoconhecimento, um convite para ouvir com mais clareza e paciência o que o corpo e a mente dizem continuamente. Cada homem tem o seu próprio corpo e a sua própria mente, que devem ser curados e fortalecidos a partir de suas particularidades. O simples fato de dois homens, com uma mesma doença, terem trabalhos diferentes ou hábitos alimentares diversos, já impossibilita-os de serem curados da mesma maneira. A reflexão filosófica sobre a saúde aponta para um horizonte de estratégias de cuidados a serem aplicados, já que presumivelmente eles podem demonstrar bons resultados, porém, eles não são

uma espécie de panaceia. Assim como na moral cada homem deve se tornar seu juiz interno, ao conhecer as profundezas de seu coração, o que exige muito empenho e leva bastante tempo, na saúde também cada homem deve se tornar seu próprio médico, do que igualmente será requerido empenho e tempo. O médico de si mesmo deve clinicar sobre seu corpo e sua mente diariamente, a todo instante.

Conclusão

Podemos concluir que o esclarecimento salutar, negligenciado por boa parte do *corpus* kantiano, como pudemos destacar a partir de alguns nomes, é tão indispensável à moralização quanto a formulação dos seus princípios práticos puros. Evidenciamos em nossa análise que o Sistema criado por Kant é um *continuum*, com isso, dentro de seu universo, há que ser dado o passo em direção ao âmbito pragmático. Caso contrário, negligenciamos o seu próprio projeto filosófico. O cuidado com a saúde, por meio de uma dietética autocrática, que preceitua diversas estratégias higiênicas, mas que alerta para a obrigação delas serem empregadas à luz do equilíbrio das forças vitais de cada um, mostra muito bem esta conexão entre o *a priori* e o *a posteriori*. Pudemos demonstrar que há um forte parentesco entre a heteronomia e a doença e, conseqüentemente, que a promoção da saúde do homem apresenta-se como uma condição para a sua moralização. Fazendo o uso público de sua razão, Kant promove o seu próprio bem-estar ao filosofar, ao se socializar, ao manter vivo os seus laços de amizade e ao poder alegrar-se com a contribuição que dá para as questões morais da humanidade. Nesse sentido, o filósofo colabora com a saúde dos homens em geral, que podem utilizar destas reflexões enquanto ingredientes para a construção de uma reflexão autônoma sobre o bem-estar humano. Ousa saber aquele que liberta da menoridade não apenas a sua mente, mas também o seu corpo.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- ALLISON, H. E. *Essays on Kant*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BOCHICCHIO, V. “Riflessioni sulla medicina e principi di dietetica: Kant terapeuta del corpo”. In: KANT, I. *De medicina corporis*. Trad. de Vincenzo Bochicchio. Napoli: Guida, 2003, pp. 75-119.

BOROWSKI, L. E. *Relato de la vida y el carácter de Immanuel Kant*. Trad. de Agustín González Ruiz. Madrid: Tecnos, 1993.

CASSIRER, E. *Kant: vida e doutrina*. Trad. de Rafael Garcia e Leonardo Rennó Ribeiro Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

CHAMAYOU, G. « Présentation ». In: KANT, I. *Écrits sur le corps et l'esprit*. Trad. de Grégoire Chamayou. Paris: Éditions Flammarion, 2007, pp. 7-61.

DELIGIORGI, K. *Kant and the Culture of Enlightenment*. Albany: State University of New York Press, 2005.

FELLIN, R.; BLÈ, A. “The disease of Immanuel Kant”. In: *The Lancet*, v. 350, n.º 13, dez. 1997, pp. 1771-1773.

FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KANT, I. Anth, *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*, AA 07. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. Br, *Briefe*, AA 10-13. *Correspondence*. Trad. de Arnulf Zweig. New York: Cambridge University Press, 1999.

_____. De Medicina Corporis, *De Medicina Corporis, quae Philosophorum est*, AA 15. *On the Philosophers' Medicine of the Body*. In: *Anthropology, History & Education*. Trad. de Mary Gregor et al. New York: Cambridge University Press, pp. 183-191.

_____. KrV, *Kritik der reinen Vernunft A/B. Crítica da razão pura*. Trad. de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.

_____. MS, *Die Metaphysik der Sitten*, AA 06. *Metafísica dos Costumes*. Trad. de Clélia Aparecida Martins et al. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

_____. Nachricht an Ärzte, *Nachricht an Ärzte*, AA 08. *Recado aos médicos*. Trad. de Alexandre Hahn. In: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 9, n.º 1, abr. 2021, pp. 205-209.

_____. Päd, *Pädagogik*, AA 09. *Sobre a pedagogia*. Trad. de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2011.

_____. RGV, *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*, AA 06. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. de Bruno Cunha. Petrópolis: Editora Vozes, 2024.

_____. SF, *Der Streit der Fakultäten*, AA 07. *O conflito das faculdades*. Trad. de André Rodrigues Ferreira Perez e Luiz Gonzaga Camargo Nascimento. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2021.

_____. WA, *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*, AA 08. *Resposta à questão: o que é esclarecimento?* In: MARÇAL, J. (Org.). *Antologia de textos filosóficos*. Trad. de Vinicius de Figueiredo. Curitiba: SEED, 2009, pp. 406-415.

KUEHN, M. *Kant, a Biography*. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

KRÜGER, G. *Critique et morale chez Kant*. Trad. de M. Regnier. Paris: Beauchesne et ses Fils, 1961.

MENDELSSOHN, M. Sobre a Pergunta: o que quer dizer esclarecer? IN: KANT, I.; et al. *O que é Esclarecimento?* Trad. de Paulo Cesar Gil Ferreira. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011, pp. 15-22.

MODEL, A. Kant und die Medizin der Aufklärung. In: *Sudhoffs Archiv*, Bd. 74, H. 1, 1990, pp. 112-116.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. Recensão da Antropologia de Immanuel Kant. In: *Studia Kantiana*. Trad. de Alexandre Hahn, v. 19, n° 1, 2021, pp. 111-120

TORRES FILHO, R. R. Respondendo à pergunta: quem é a ilustração? In: *Discurso*, n.º 14, 1983, pp. 101-112.

WIESING, U. Immanuel Kant, seine Philosophie und die Medizin. In: GERHARDT, V. (Ed.). *Kant im Streit der Fakultäten*. Berlin: De Gruyter, 2005, pp. 84-116.

ZAMBON, N. The mind-body-relationship in Kant's "De Medicina Corporis" and its consequences for his late moral philosophy. In: *Teoria. Revista Di Filosofia*, n.º 41(1), pp. 33-51.

Email: wagnerbarros71@gmail.com

Recebido: 09/2024

Aprovado: 11/2024